



REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFISSIONAIS DE APOIO SOBRE A SEXUALIDADE DE ADOLESCENTES AUTISTAS

SOCIAL REPRESENTATIONS OF SUPPORT PROFESSIONALS ABOUT THE SEXUALITY OF AUTISTIC ADOLESCENTS

REPRESENTACIONES SOCIALES DE LOS PROFESIONALES DE APOYO SOBRE LA SEXUALIDAD DE ADOLESCENTES AUTISTAS

Adriana Onofre Schmitz¹, Sonia Maria Oliveira de Andrade², Cássia Barbosa Reis³, Elenir Rose Jardim Cury⁴

e565294

<https://doi.org/10.47820/recima21.v5i6.5294>

PUBLICADO: 06/2024

RESUMO

Objetivo: Identificar as representações sociais de profissionais de apoio sobre a sexualidade de adolescentes com autismo. Método: Estudo qualitativo descritivo, com dados primários provenientes de entrevistas com profissionais que atendem adolescentes de uma instituição de apoio às famílias e pessoas com autismo. Os dados foram organizados com a metodologia do discurso do sujeito coletivo, e analisados com base na teoria das representações sociais e resultados de outras pesquisas. Resultados: Foram identificadas seis categorias de representações sociais caracterizadas nos discursos do sujeito coletivo. Considerações finais: As representações sociais mostraram o despreparo e a dificuldade dos profissionais em lidar com o tema e as singularidades da sexualidade das pessoas com autismo. O processo de construção de representações sociais sobre a sexualidade de adolescentes autistas está em fase de ancoragem, e requer a ampliação de discussões e pesquisas sobre o tema para entrar na fase de objetificação, que permitirá externalizar conceitos e imagens das experiências e da realidade de adolescentes com autismo em relação à sua sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Comportamento Sexual. Transtorno do Espectro do Autista. Representação Social.

ABSTRACT

Objective: To identify the social representations of support professionals about the sexuality of adolescents with autism. Method: This is a descriptive qualitative study, with primary data from interviews with professionals who care for adolescents from an institution that supports families and people with autism. The data were organized using the methodology of the collective subject's discourse

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

² Graduação em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco, sanitarista, mestrado em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e doutorado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo. Professora emérita, titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, docente e pesquisadora atuando no Programa de Pós-Graduação em Saúde e Desenvolvimento na Região Centro-Oeste (mestrado e doutorado) e Programa de Pós-graduação em Saúde da Família. Docente credenciada pela Secretaria de Estado de Saúde de Mato Grosso do Sul.

³ Graduada em Enfermagem e Obstetrícia pela Universidade Estadual de Maringá, com especialização em saúde coletiva, mestrado em Saúde Coletiva, doutorado e pós-doutorado em Doenças Infecciosas e Parasitárias pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Diretora de Estudos e Pesquisa em Enfermagem da Associação Brasileira de Enfermagem Nacional e Presidente da ABEn MS. Professor assistente da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), membro de comissão municipal de Sistematização da Assistência de Enfermagem da Secretaria Municipal de Saúde de Dourados, professora convidada da Universidade Federal da Grande Dourados para a residência multiprofissional e residência em enfermagem obstétrica, Docente permanente do Programa de Mestrado Profissional Ensino em Saúde da UEMS e Diretora de Estudos e Pesquisas em Enfermagem na ABEn Nacional.

⁴ Graduação em Odontologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, mestrado em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e doutorado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo. Professora Titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, na graduação (Enfermagem, Fisioterapia, Nutrição e Odontologia) e pós-graduação (Programa de Pós-Graduação em Saúde e Desenvolvimento na Região Centro-Oeste, Mestrado Profissional em Saúde da Família, Residência Uniprofissional em Enfermagem Obstétrica, Residência Multiprofissional em Saúde - Atenção ao Paciente Crítico e Residência em Reabilitação Física).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFISSIONAIS DE APOIO SOBRE A SEXUALIDADE DE ADOLESCENTES AUTISTAS
Adriana Onofre Schmitz, Sonia Maria Oliveira de Andrade, Cássia Barbosa Reis, Elenir Rose Jardim Cury

and analyzed based on the theory of social representations and the results of other studies. Results: Six categories of social representations characterized in the discourses of the collective subject were identified. Final considerations: The social representations showed the unpreparedness and difficulty of the professionals in dealing with the theme and the singularities of the sexuality of people with autism. The process of constructing social representations about the sexuality of autistic adolescents is in the anchoring phase and requires the expansion of discussions and research on the subject to enter the phase of objectification, which will allow the externalization of concepts and images of the experiences and reality of adolescents with autism in relation to their sexuality.

KEYWORDS: *Sexual Behavior. Autism Spectrum Disorder. Social Representation.*

RESUMEN

Objetivo: Identificar las representaciones sociales de los profesionales de apoyo sobre la sexualidad de adolescentes con autismo. Método: Se trata de un estudio cualitativo descriptivo, con datos primarios de entrevistas a profesionales que atienden a adolescentes de una institución que apoya a familias y personas con autismo. Los datos fueron organizados utilizando la metodología del discurso colectivo del sujeto y analizados con base en la teoría de las representaciones sociales y los resultados de otros estudios. Resultados: Se identificaron seis categorías de representaciones sociales caracterizadas en los discursos del sujeto colectivo. Consideraciones finales: Las representaciones sociales mostraron la falta de preparación y dificultad de los profesionales para tratar el tema y las singularidades de la sexualidad de las personas con autismo. El proceso de construcción de representaciones sociales sobre la sexualidad de los adolescentes autistas se encuentra en la fase de anclaje, y requiere de la ampliación de las discusiones e investigaciones sobre el tema para entrar en la fase de objetivación, que permitirá la exteriorización de conceptos e imágenes de las vivencias y realidades de los adolescentes con autismo en relación a su sexualidad.

PALABRAS CLAVE: *Conducta sexual. Trastorno del Espectro Autista. Representación Social.*

INTRODUÇÃO

No Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - V (DSM-V) o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é classificado como um distúrbio do neurodesenvolvimento e caracterizado por *déficits* persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, e a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (American Psychological Association [APA], 2014).

Considerando o impacto do diagnóstico de TEA na vida da criança e em seu contexto familiar, em 2012 foi sancionada no Brasil a Lei Berenice Piana, que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Nessa lei, o autista passou a ser reconhecido como pessoa com deficiência para efeitos legais e com isso os estigmas e preconceitos sobre os aspectos do desenvolvimento físico, psíquico, emocional e sexual também ganharam reconhecimento com o rótulo de deficiência. O foco nas dificuldades e limitações impede que essas pessoas sejam reconhecidas como seres com desejos, escolhas e decisões (Lei no.12.764, 2012).

É importante ressaltar que a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), como promotora de inclusão social e cidadania, enfatiza o direito ao corpo e a sexualidade ao deficiente, isso porque, a sexualidade da pessoa com deficiência é cercada por mitos e preconceitos, como hipersexualidade ou assexualidade, incapacidade de obter parceiros, vínculos ou filhos. A infantilização e o foco nas limitações e dependências são condutas que favorecem a negação do desenvolvimento da sexualidade dessas



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFISSIONAIS DE APOIO SOBRE A SEXUALIDADE DE ADOLESCENTES AUTISTAS
Adriana Onofre Schmitz, Sonia Maria Oliveira de Andrade, Cássia Barbosa Reis, Elenir Rose Jardim Cury

peçoas. Generalizar as limitações e desvantagens do TEA para a vida afetiva e sexual pode encobrir os aspectos pessoais individuais ou a fase do desenvolvimento dessa pessoa, vindo a dificultar a expressão de sua sexualidade (Ottoni; Maia, 2019).

A fase da adolescência em pessoas com TEA é uma etapa que gera preocupação aos pais, pois exige maior grau de independência. É um processo delicado para os pais por envolver temas como a sexualidade, o trabalho e a realização de tarefas autônomas. Desses temas, a sexualidade é o que se cerca de mais tabus, mitos e crenças que podem interferir no seu desenvolvimento e adaptação às necessidades (Vieira, 2016). Considerando as altas taxas de prevalência de TEA e o impacto das questões sexuais na vida desses indivíduos, uma melhor compreensão desta questão permitiria desenvolver intervenções que atendam especificamente às necessidades desta população (Turner *et al.*, 2017).

No Brasil, existem poucos estudos que abordam o tema, na revisão bibliográfica sistemática realizada por Nascimento e Bruns (2019) foi localizado apenas um estudo realizado com profissionais de apoio e a sexualidade do autista. O estudo encontrado foi realizado por Machado (2001) e apontou que a sexualidade dos autistas é vista com apreensão, além do apontamento de poucas publicações bibliográficas a respeito.

Para Nascimento e Bruns (2019), o apoio profissional e treinamento de habilidades sociais são importantes para potencializar o progresso do autista na expressão de sua sexualidade. Os autores concluíram que na perspectiva familiar existe a necessidade de intervenções direcionadas às famílias que ofereça recursos para o desenvolvimento da adolescência e expressão da sexualidade de seus filhos autistas.

Em estudos realizados fora do país, se destaca a formação inadequada para atuação profissional neste aspecto, como mostra a pesquisa de Torralbas-Ortega *et al.* (2023). Por trabalharem em conjunto com as famílias para estabelecer objetivos comuns, os profissionais de apoio poderiam abordar a educação sexual e afetiva, prevenindo comportamentos de risco e melhorando as interações sociais entre jovens com TEA.

A literatura científica oferecida no Brasil a respeito da família e a sexualidade de filhos(as) autistas é restrita quanto ao número de estudos realizados (Nascimento; Bruns, 2019). Por isso, há necessidade de mais pesquisas na área que produzam informações de qualidade que possam ser usadas em formação profissional e multidisciplinar. Para isso, é preciso identificar as representações sociais dos profissionais de apoio sobre a sexualidade de adolescentes com autismo, pois essa percepção impacta na orientação e diálogo com as famílias e outros grupos sociais sobre as manifestações sexuais e afetivas dos autistas.

MÉTODOS

Participantes

Participaram da pesquisa cinco profissionais de apoio. Foram definidos como profissionais de apoio às pessoas que atendem adolescentes autistas em atividades que buscam o desenvolvimento



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFISSIONAIS DE APOIO SOBRE A SEXUALIDADE DE ADOLESCENTES AUTISTAS
Adriana Onofre Schmitz, Sonia Maria Oliveira de Andrade, Cássia Barbosa Reis, Elenir Rose Jardim Cury

de habilidades motoras, emocionais e/ou cognitivas que trabalham na instituição. Esses profissionais atuam em diversas áreas, como psicologia, fonoaudiologia, pedagogia, artes cênicas, educadores físicos, terapeutas ocupacionais, profissionais da saúde e outros.

Para definição da amostra dos sujeitos da pesquisa foi utilizada a técnica de amostragem não probabilística e não aleatória de amostragem por conveniência, de acordo com a facilidade de acesso e disponibilidade dos profissionais. O convite para participação da pesquisa foi realizado na roda de conversa feita na instituição parceira. Os que apresentaram interesse assinaram uma lista com nome e telefone, para posterior contato e agendamento da entrevista. Participaram da pesquisa cinco profissionais de apoio de diversas áreas de atendimento oferecidas pela instituição.

Instrumentos

Foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturado cuja questão norteadora era “Na sua experiência profissional com adolescentes com TEA em pleno desenvolvimento da sexualidade, conte para mim como é, para você, como profissional, vivenciar essa combinação TEA e sexualidade no dia a dia dos atendimentos.”

Os temas esperados no relato e/ou estimulados a partir dos conteúdos verbalizados são: a percepção sobre a sexualidade, atitudes diante da conduta sexual do adolescente com TEA e os desafios para abordar o tema com esses adolescentes.

Procedimento

O estudo foi conduzido de acordo com as diretrizes de ética nacionais e internacionais e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e aprovado sob o parecer no 4.699.187 anexado à presente submissão. O Consentimento Livre e Esclarecido foi obtido de todos os indivíduos envolvidos no estudo por meio físico e escrito do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme a Resolução CNS/MS nº466/2012.

As entrevistas foram realizadas pela pesquisadora que tem formação em psicologia, com atuação em atendimento clínico desde 2010. O primeiro contato com os participantes foi em uma roda de conversa proposta pela instituição onde foi realizada a pesquisa, com o objetivo de explicar e convidar para participarem do estudo. Nesse momento foram apresentados os objetivos da pesquisa e a metodologia para a coleta de dados.

O agendamento das entrevistas foi via contato telefônico, mas foram realizadas na instituição parceira, em sala privativa, pessoalmente, podendo ser marcada nova entrevista, se necessário. Na sala ficaram apenas o participante e a pesquisadora no momento da entrevista.

Todos os participantes tinham mais de 18 anos completos e já haviam realizado atendimentos a adolescentes autistas, independentemente do tipo de serviço prestado. Todos os convidados foram entrevistados e fizeram parte dos dados dessa pesquisa.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFISSIONAIS DE APOIO SOBRE A SEXUALIDADE DE ADOLESCENTES AUTISTAS
Adriana Onofre Schmitz, Sonia Maria Oliveira de Andrade, Cássia Barbosa Reis, Elenir Rose Jardim Cury

As entrevistas buscaram produzir um depoimento sobre a experiência do participante com a sexualidade do adolescente com TEA. Cada participante foi entrevistado apenas uma vez. Foi usada a gravação de áudio com a autorização do entrevistado. O tempo médio de duração das entrevistas foi de 13 minutos, variando entre 17 e 8 minutos. Cada entrevista foi transcrita na íntegra e não houve devolutiva aos participantes para comentários e/ou correção.

Análise dos dados

Para análise dos dados foi utilizada a Teoria das Representações Sociais (TRS) de Serge Moscovici como referencial teórico, pois possibilita descrever e reconstituir tais representações mantendo a dimensão individual e articulando-a com a sua dimensão coletiva (Lefèvre, F.; Lefèvre, A., 2014). Como metodologia de tabulação dos dados foi usado o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) desenvolvido por Ana Maria C. Lefèvre e Fernando Lefèvre.

As entrevistas foram analisadas individualmente por três avaliadores para a seleção dos conteúdos mais significativos. Desses conteúdos foram extraídas as expressões-chave (EC), nas quais foram identificadas as Ideias Centrais (IC) que correspondem aos sentidos atribuídos pelo participante da pesquisa à questão que lhe foi proposta (Lefèvre, 2017).

A próxima etapa foi a Categorização, que classificou as IC de mesmo sentido sob uma mesma categoria. As categorias derivaram dos dados e cada uma resultou em um DSC que descreve e reconstitui a RS dos participantes da pesquisa (Lefèvre, F.; Lefèvre, A., 2014). Dessa forma, cada DSC é uma representação social sobre o tema.

Discussão

Considerando as análises das entrevistas foram elaborados seis DSC denominados: expressão da sexualidade do adolescente para profissionais, prática profissional, acolhimento do adolescente pelo profissional, disponibilidade de material sobre o tema, atuação da família e escola no tema sexualidade e sexualidade de pessoas com deficiência. Para que a discussão fosse mais fluida, os DSC foram fracionados e expostos à medida que foi feita a análise do conteúdo frente a outros estudos e a TRS.

O DSC Expressão da sexualidade do adolescente para profissionais apresenta os comportamentos sexuais percebidos pelos profissionais de apoio a respeito do desenvolvimento da sexualidade. São relatados como expressão de interesse sexual as conversas sobre namoro, curiosidades sobre o corpo, orientação sexual, o constrangimento diante de pessoas que apresentam interesse, masturbação, como mostra o trecho a seguir:

Já está começando a falar sobre namoro e tudo mais. De uns tempos para cá, descobriu a masturbação. Começou a ter ereções e não sabia o que fazer. Tem muita curiosidade com o corpo, fica apontando, fica mostrando para o professor, para mim, chega até relar nas partes. Quando vê mulher, fica bem agitado, dá risada, fica escrevendo. Se diz hoje bissexual, mas antes homossexual.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFISSIONAIS DE APOIO SOBRE A SEXUALIDADE DE ADOLESCENTES AUTISTAS
Adriana Onofre Schmitz, Sonia Maria Oliveira de Andrade, Cássia Barbosa Reis, Elenir Rose Jardim Cury

Essa percepção vai ao encontro do que é apresentado no estudo realizado por Hellemans *et al.*, (2007) que trabalhou com relatos dos cuidadores de adultos com TEA de alto funcionamento, no qual relataram que a masturbação era comportamento comum, além da narrativa de vivência de relacionamento e relações sexuais. A bissexualidade, rituais sexuais com objetos, fascinações sensoriais e parafilia também foram citados.

No DSC Expressão da sexualidade do adolescente para profissionais também aparece o desconhecimento dos adolescentes sobre as mudanças corporais relacionadas à sexualidade por meio do questionamento. Por outro lado, o ato sexual é associado à prática de massagens, como segue “Começaram a perguntar para mim o porquê acontece essas mudanças no corpo. O que entendia como um filme pornô, seriam uns vídeos de massagem, de pessoas fazendo massagem umas nas outras.”

A falta conhecimento entre os adolescentes com TEA sobre relações afetivas e sexuais, e a aceitação das mudanças que eles vivenciavam durante a puberdade também está presente na pesquisa realizada por Torralbas-Ortega *et al.*, (2023), o que evidencia a falta de preparo desses adolescentes para vivenciar essa fase de suas vidas.

Essa correspondência do DSC e resultados apresentados em outras pesquisas reforçam o conceito que Moscovici (2003) desenvolve sobre a forma dos grupos lidarem com o não-familiar por meio das imagens, ideias e linguagem que compartilham, pois, mesmo com sujeitos de pesquisa diferentes, é perceptível aos profissionais a falta de compreensão dos adolescentes com TEA sobre a sua sexualidade e demais comportamentos envolvidos nela.

O DSC Prática profissional mostra como os profissionais tentam orientar os adolescentes sobre o tema da sexualidade. Veja a seguir:

Eu tentei ser o mais natural possível, ficar tranquila, não me apavorar, mas foi a primeira vez que aconteceu, eu fiquei meio assustada. Eu fui estudar, sempre que eu tinha uma oportunidade, eu perguntava para o meu marido, era a pessoa que eu tinha de referência. Eu pesquisava na internet, se eu não entendesse muito bem, eu perguntava para ele. Eu procuro ser o mais didático possível, sempre orientando da melhor forma correta e se possível, se necessário, peço o auxílio de outra profissional.

Fica evidente nesse DSC a falta de conhecimento sobre o tema da sexualidade e o empirismo nas condutas adotadas pelos profissionais de apoio, o que leva a busca de mais informação e a necessidade de um preparo mais adequado diante dessa demanda. A falta de formação adequada dos profissionais que trabalham com adolescentes com TEA também é citada por Torralbas-Ortega *et al.* (2023), no qual os participantes destacaram a formação inadequada que receberam, dificultando abordar a educação sexual e afetiva para prevenir comportamentos de risco entre jovens com TEA, e melhorar as interações desses indivíduos.

A formação ampla e insuficiente, e a falta de estudos e pesquisas que possam realmente subsidiar a prática profissional são mencionados pelos profissionais como fator negativo no processo de formação e especialização. A necessidade de uma formação especializada em afetividade e sexualidade que permitisse uma melhor abordagem deste tópico com pais, alunos ou outros usuários,



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFISSIONAIS DE APOIO SOBRE A SEXUALIDADE DE ADOLESCENTES AUTISTAS
Adriana Onofre Schmitz, Sonia Maria Oliveira de Andrade, Cássia Barbosa Reis, Elenir Rose Jardim Cury

é consenso em ambos os grupos profissionais que participaram da pesquisa de Torralbas-Ortega *et al.* (2023).

A forma de lidar com a sexualidade dos adolescentes com TEA relatada pelos profissionais de apoio busca a normalização, tornar natural e desconstruir a negação da sexualidade, como segue “Eu acho interessante, eu não tenho nenhum problema, não repreendo, devo estar bem-preparado e ser bem aberto. Preciso entender de desenvolvimento humano, passar isso para os pais, tirar essa questão do capacitismo.” O acolhimento por parte dos profissionais permite um ambiente de fala receptivo para explorar o tema da sexualidade e buscar informações seguras sobre condutas sexuais e relacionamentos afetivos amorosos.

A pesquisa de Dewinter *et al.*, (2017) confirmou que a sexualidade e a construção de relacionamentos fazem parte do desenvolvimento de adolescentes meninos com TEA. A vivência da sexualidade como parte do desenvolvimento, ainda que sem a excitação sexual ou experiência sexual em parceria, foi uma constante no relato dos participantes da pesquisa.

A busca da legitimidade da sexualidade como parte do adolescente com TEA, assim como o é nas pessoas neurotípicas, faz parte do processo de elaboração da RS. Moscovici (2003) explica que as representações são resultados do trabalho de tornar comum e real algo que é incomum. É a partir das representações que o não-familiar integra nosso mundo mental e físico. Aquilo que antes era abstrato, passa a ser concreto e quase familiar depois de uma série de ajustamentos.

Esses ajustamentos passam pelo desenvolvimento da identidade de jovem e futuro adulto do adolescente autista. Para isso é necessário abandonar o modelo infantilizado, e proporcionar o apoio para compreender o mundo que o circunda, com vivências que permitam experiências por meio de imagens, teatros, escrevendo, desenhando, expressando-se artisticamente (Almeida, 2017). Essa perspectiva também aparece aqui:

Desconstruir essas ideias, essa visão romântica, idealizada do que é um transtorno, do que é o comprometimento, e colocar aqui, apesar do autismo, tem um humano que vai se desenvolver e que vai ter desejo. Explicar o que é que está acontecendo com o corpo, e o que pode fazer.

A sexualidade de pessoas com TEA muitas vezes não é reconhecida, é reprimida ou considerada irrelevante. A conscientização sobre o TEA e sexualidade precisa ser ampliada para eliminar percepções errôneas e pressões sobre esses indivíduos para controlar seus comportamentos sexuais. Quando os comportamentos instintivos são inibidos e as necessidades pessoais não são atendidas, é provável que esses sujeitos acabem frustrados, confusos e inseguros, o que pode levar ao desenvolvimento de comportamentos agressivos ou autodestrutivos em relação a si ou aos outros (Fernandes *et al.*, 2016).

Para um efetivo manejo do comportamento sexual, principalmente de expressões sexuais inadequadas socialmente, é necessário observar o contexto, a frequência e os fatores que desencadeiam a conduta em questão. Isso permitirá desenvolver estratégias que possam ser compreendidas pelo autista para proporcionar o manejo adequado da conduta sexual (Almeida, 2017).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFISSIONAIS DE APOIO SOBRE A SEXUALIDADE DE ADOLESCENTES AUTISTAS
Adriana Onofre Schmitz, Sonia Maria Oliveira de Andrade, Cássia Barbosa Reis, Elenir Rose Jardim Cury

No DSC Acolhimento do adolescente pelo profissional, os profissionais buscam estabelecer uma relação próxima e de confiança com os adolescentes autistas para abordarem o tema da sexualidade. Veja:

Eu perguntava se era amiga, me deixava ver as mensagens, isso me deixava mais segura, mais tranquila, porque eu via o que estava sendo falado. Eu orientava sobre não falar onde mora, endereço, o nome da família. Se perguntasse alguma coisa em relação a dinheiro ou pedir foto, não mandar. Não tem muito essa instrução. Eu falei que pode passar o que quiser na sua cabeça, mas quando a gente vai falar, tem que cuidar com o que a gente fala. Estou sempre colocando que precisa perguntar primeiro, essas questões de consentimento.

A proximidade, a confiança e a intimidade do profissional de apoio com o adolescente com TEA facilita o desenvolvimento de estratégias que o ajudem a lidar com as mudanças provocadas pela puberdade e com os desejos relacionados com o afloramento da sexualidade.

Essa vinculação é importante porque serve de modelo para o estabelecimento de interação social, já que é uma das complicações enfrentadas pela pessoa com TEA. A dificuldade de desenvolver a empatia ou perceber os sentimentos alheios são características muito presentes nesses indivíduos, e isso afeta significativamente a compreensão e a capacidade de respeitar uma série de regras sociais que precisam ser mediadas (Almeida, 2017). Os profissionais podem convidar os adolescentes para discutir sentimentos pessoais, ideias sobre sexualidade e questões sobre relacionamentos, como uma forma de identificar e entender possíveis desafios e oferecer-lhes apoio adequado (Dewinter *et al.*, 2017).

A necessidade de formulação de material específico para a população em questão que aborda o tema da sexualidade e que atenda as particularidades que o TEA foi enfatizada nessa pesquisa no DSC Disponibilidade de material sobre o tema, como mostra o trecho a seguir:

Precisa de um material de apoio, de material estruturado, mas que possa orientá-los quanto a isso. Pacientes que são mais graves é mais difícil de ser abordado em relação a isso, porque são pacientes que não falam na maioria das vezes, e que o nível de compreensão também é mais difícil. Tem essa dificuldade, que é o próprio diálogo, eles têm dificuldade em se expressar, na maioria das vezes, talvez trabalhando essa questão, dentro desse nível linguístico, consiga melhorar essa situação, para que eles consigam conversar com a própria mãe, com o próprio pai, com algum amigo.

Hellemans *et al.* (2007) ressaltam que, a literatura sobre sexo e programas de educação para pessoas com TEA é muito limitada, e que módulos específicos sobre educação sexual devem ser desenvolvidos. O mesmo apontamento aparece no estudo realizado por Vieira (2016) que evidencia a falta, tanto de material de suporte, quanto de profissionais da saúde e da educação, para colaborar com os pais no processo educativo sobre a sexualidade. Mesmo que a literatura sobre educação sexual para pessoas com autismo seja relativamente pequena, há evidências crescentes de que um indivíduo com autismo pode aprender, e se beneficiar de uma instrução que o respeite e ao seu grau de autismo (Koller, 2000).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFISSIONAIS DE APOIO SOBRE A SEXUALIDADE DE ADOLESCENTES AUTISTAS
Adriana Onofre Schmitz, Sonia Maria Oliveira de Andrade, Cássia Barbosa Reis, Elenir Rose Jardim Cury

O processo educativo sobre a sexualidade também sofre influência do gênero do profissional de apoio. A diferença de gênero entre a pessoa que orienta e o adolescente autista é apontado como fator de constrangimento no processo de instrução sobre a sexualidade, como segue:

Eu sentia dificuldade, com as meninas, talvez fosse mais fácil para explicar, porque a gente entende do nosso corpo, mas é muito difícil uma mulher entender o corpo de um homem. Sentia-me muito insegura para orientá-los, tinha a impressão que não confiavam muito no que eu falava porque eu era menina.

No estudo de Mackin *et al.* (2016), os pais relataram a influência do gênero na comunicação sobre questões de saúde sexual. O embaraço dos pais foi atribuído a muitas fontes, incluindo o sexo como um tabu em sua própria educação, a falta de compreensão das questões sexuais e o desconforto em discutir o tema com adolescentes do sexo oposto ao seu, ou seja, pais conversando com filhas e/ou mães conversando com filhos.

A dificuldade vivenciada pela família e pela escola para compreender e lidar com as questões que perpassam o TEA e a singularidade dos processos de sexualidade e inclusão social desses adolescentes aparece nas falas dos profissionais de apoio no DSC Atuação da família e escola no tema sexualidade. Veja a seguir:

A dificuldade é imensa de conversar com os pais, em conseguir conversar com os colegas. Para os pais também é difícil, eles não sabem. Às vezes, a figura masculina, mesmo presente no ambiente familiar, não orienta, e fica o trabalho só para mãe e para psicóloga. A realidade é essa, são pessoas muito carentes, não financeiramente só, de instrução. Então, quando você orienta, quebra a orientação, porque eles não conseguem pôr em prática. Tem o cuidado com a casa, tem o serviço, tem o esposo, fica muita coisa na cabeça e, às vezes, não consegue entender o que você fala. Então, se tivesse um momento só para isso, talvez ficasse mais esclarecido para eles. A maior dificuldade são os pais que não estão prontos ainda para falar sobre isso com os filhos, ou lidar com isso.

A resistência de familiares em abordar o tema da sexualidade nos adolescentes autistas também está presente na pesquisa feita por Torralbas-Ortega *et al.*, (2023), o qual evidenciou a resistência dos familiares para discussões sobre o tema. Também aponta que fatores familiares intrínsecos como cultura, nível de educação e os preconceitos, dificultam a orientação de habilidades que os filhos precisam aprender para desenvolver sua sexualidade.

Os resultados de Torralbas-Ortega *et al.*, (2023) mostram que, tanto profissionais da saúde quanto da educação, concordam sobre a necessidade de se trabalhar com as famílias a educação sexual e afetiva de seus filhos desde a infância. Ele aparece no trecho abaixo do DSC Atuação da família e escola no tema sexualidade:

É importante que os pais tenham informações para saber como agir em casa, porque às vezes, também não sabe como agir em casa. Ensinar em casa, nas terapias, de como se deve, no caso dos homens, como deve abordar uma mulher, questões de assédio, ensinar o que é o estupro.

A educação sexual desde a infância facilitaria o reconhecimento de necessidades afetivas e sexuais do adolescente autista, e conteúdos educativos poderiam ser adaptados ao amadurecimento biológico e suas necessidades específicas (Nascimento; Bruns, 2019). Em contrapartida, Beddows e

RECIMA21 – Ciências Exatas e da Terra, Sociais, da Saúde, Humanas e Engenharia/Tecnologia



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFISSIONAIS DE APOIO SOBRE A SEXUALIDADE DE ADOLESCENTES AUTISTAS
Adriana Onofre Schmitz, Sonia Maria Oliveira de Andrade, Cássia Barbosa Reis, Elenir Rose Jardim Cury

Brooks (2016), apontam que nem todos os pais se sentem à vontade para ensinar seus filhos, ou não sabem como transmitir essas informações. Por isso, acreditam que essa educação deveria ser de responsabilidade da escola.

Por outro lado, a escola também tem dificuldade em lidar com as necessidades do adolescente autista, como mostra o trecho a seguir:

A escola está muito despreparada, não é dito, não é falado, o autista é sempre o coitadinho, o inocentinho. Não são todos que estão preparados para falar sobre isso, para trabalhar esse tipo de material, trabalhar o corpo, a sexualidade, o entendimento que eles têm.

Esse despreparo se reflete na falta de programas consistentes para abordar a afetividade e a sexualidade dos autistas. Isso ocorre tanto na educação especial quanto na educação formal. Os professores afirmam que precisam de sugestões para que haja uma abordagem transversal da discussão e para que seja mais uma área dentro do currículo educacional para jovens, no qual as famílias possam ter um papel ativo (Torralbas-Ortega *et al.*, 2023).

O DSC Sexualidade de pessoas com deficiência traz o desejo e a busca do contato físico na conduta do adolescente autista, entretanto, esses comportamentos nem sempre são aceitos, como vemos no trecho a seguir:

Tem muito essa coisa da busca do corpo, de conhecer o corpo, principalmente os não verbais, eles querem tocar, eles querem pegar, e de uma forma muito intensa, uma frequência muito alta, e alguns pais não querem ver esse comportamento acontecendo.

Segundo Hellemans *et al.*, (2007), muitos sujeitos buscavam contato físico, às vezes de uma forma explicitamente sexual. Entretanto, existem falhas em fazer uma distinção satisfatória entre contato desejado e indesejado, o que pode estar relacionado às poucas experiências com reciprocidade social e emocional.

Algumas famílias acreditam que seus filhos com TEA não terão quaisquer necessidades afetivas e sexuais e, por isso, não consideram necessário atender e nem educá-los sobre o tema (Torralbas-Ortega *et al.*, 2023). Isso também aparece no DSC Sexualidade de pessoas com deficiência, veja:

Em alguns casos acontece dos pais serem conservadores, e às vezes não sabe lidar ou às vezes tem questões religiosas que acabam afetando. Esses casos eu acho que são um pouco mais complicados, quando a família já não é tão aberta. Não é trabalhada questão do próprio corpo, questões de se tocar, masturbação, até as próprias questões de orientação sexual.

Para Torralbas-Ortega *et al.* (2023), a negação familiar da sexualidade e/ou a fantasia de ter relacionamentos normotípicos, especialmente em na primeira infância, aparecem como obstáculos para tentar abordar temas relacionados à afetividade e sexualidade de jovens com TEA e sua potencial vulnerabilidade.

Questões que envolvam a orientação sexual são consideradas difíceis de serem abordadas, como mostra o trecho “É um grande tabu falar sobre LGBT, há uma grande resistência de muitos pais em reconhecer que autistas são pessoas e podem ser héteros, homossexuais e assim por diante.”



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFISSIONAIS DE APOIO SOBRE A SEXUALIDADE DE ADOLESCENTES AUTISTAS
Adriana Onofre Schmitz, Sonia Maria Oliveira de Andrade, Cássia Barbosa Reis, Elenir Rose Jardim Cury

O estudo de Dewinter *et al.* (2017) mostrou que meninos com TEA têm experiências fora do discurso heteronormativo tradicional, como contatos do mesmo sexo, contatos sexuais fora de um relacionamento romântico, e que deve existir uma preparação para conversar abertamente sobre o tema. Discutir espontaneamente a sexualidade pessoal e as experiências de relacionamento foi desafiador para vários meninos e seus familiares, mesmo que seja uma maneira importante de obter suporte quando necessário.

Com relação à orientação sexual, há evidências de que em indivíduos com autismo de alto funcionamento ou Asperger, embora considerados principalmente heterossexuais, apresentam taxas mais altas de orientação homossexual ou bissexual do que o observado em populações não clínicas. Essas taxas mais elevadas de orientação homossexual e bissexual em indivíduos com TEA masculinos e femininos podem estar relacionadas à tendência de agir de forma mais independente das normas sociais, sendo os conceitos de orientação sexual ou papéis de gênero menos relevantes em indivíduos com TEA. Além disso, os indivíduos com TEA podem classificar as características pessoais como mais importantes do que o sexo ao procurem um parceiro romântico ou sexual (Turner *et al.*, 2017).

Para Hannah e Stagg (2016), os adolescentes com TEA têm necessidades e requisitos específicos de educação sexual que são distintos dos jovens com desenvolvimento típico. A consciência da sexualidade e a reflexão sobre ela podem ser diferentes para indivíduos com TEA, visto que eles geralmente são menos conscientes de como os outros os percebem sexualmente e têm dificuldade em perceber as dicas dadas por eles mesmos e pelos outros em situações sexuais.

Proporcionar informações e recursos necessários ao autista na adolescência para gerenciar todos os aspectos do desenvolvimento sexual é um obstáculo que precisa ser suplantado, como é visto nesse trecho do DSC Sexualidade de pessoas com deficiência:

É um desafio, porque é novo, mostrar quais comportamentos são adequados, encaminhar para o lugar correto, fazer o manejo adequado. Tirar essa visão romântica, desconstruir isso, entender que é um corpo humano, com vida, desejo, com vontade. Que é sensível ao toque, a visão, audição, trabalhar com programas específicos, principalmente na infância, para prevenir o abuso. E depois, na adolescência para entender essas questões de relacionamento, sexualidade.

Para Vieira (2016), os desejos sexuais de pessoas com TEA são semelhantes aos das pessoas neurotípicas, sendo apenas prejudicados pelas características do transtorno que afetam as habilidades sociais e que impactam nos relacionamentos sociais, afetivos e sexuais. A orientação por parte de profissionais voltada às famílias de pessoas com TEA e o treino de habilidades sociais pode facilitar o desenvolvimento de comportamentos sociosexuais e contribuir para a viabilização de uma educação sexual emancipatória. Porém, o que as pesquisas têm mostrado é que falta preparo tanto de pais quanto de profissionais para isso.

Os tabus sociais sobre a sexualidade das pessoas autistas dificultam a elaboração de RS que a valide e a naturalize. Por isso, é necessário elaborar políticas públicas que não considerem as deficiências como fenômeno individual, mas que trabalhem com um paradigma de educação, social, político e sexual para diversidades, trazendo o diálogo para o ambiente familiar, educacional e da mídia



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFISSIONAIS DE APOIO SOBRE A SEXUALIDADE DE ADOLESCENTES AUTISTAS
Adriana Onofre Schmitz, Sonia Maria Oliveira de Andrade, Cássia Barbosa Reis, Elenir Rose Jardim Cury

para proporcionar um novo ambiente para experiência do amor erótico pelas pessoas com deficiência. Deixando de lado o foco nas dificuldades e limitações que carregam o estigma de que as pessoas com deficiência não possuem desejos, fazem escolhas ou tomam decisões (Bruns, 2016).

CONSIDERAÇÕES

Como considerações finais, pode-se colocar que as RS dos profissionais de apoio sobre a sexualidade dos adolescentes com TEA se mostrou limitada. Existe a dificuldade em lidar com o tema, seja pela falta de informações disponíveis ou pela formação profissional que não abordou a temática de forma adequada. O despreparo impacta a relação desses profissionais com a díade família-escola, comprometendo a prática de orientação e apoio que são demandadas deles.

A falta de informações com embasamento e rigor científico dificulta o desenvolvimento de programas de formação e capacitação que possam instrumentalizar esses profissionais em sua prática diária junto a essa população. O que, por sua vez, deixa desassistido, tanto o adolescente em seu processo de desenvolvimento sexual, quanto a família e a escola, considerados suportes importantes para o adolescente.

A construção das RS dos profissionais de apoio sobre a sexualidade dos adolescentes autistas se encontra na fase de ancoragem, como mostram os DSC, isso porque o processo de internalização de objetos, pessoas e acontecimentos a respeito do tema ainda é preponderante. Os DSC mostram que os profissionais buscam tornar familiar o que lhes é desconhecido, no caso a sexualidade do autista, com o que já conhece, a sexualidade do adolescente neurotípico, por meio de associações.

Conhecer a realidade do desenvolvimento da sexualidade do adolescente autista é o caminho para seguir com a elaboração das RS, o que leva à necessidade de manter o diálogo entre os atores envolvidos e seguir com estudos que explorem a complexidade das relações sociais, sexuais e amorosas desses sujeitos.

Para reproduzir no mundo exterior os conceitos e as imagens sobre a sexualidade das pessoas com TEA, proporcionando identidade cultural e social a essa população é necessário chegar à fase de objetivação que apresenta ao mundo exterior, conceitos e imagens para tornar as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido.

Dessa forma, o desafio é desenvolver mais pesquisas que abordem o tema, de forma a constituir um arcabouço de conhecimentos consistentes que possam apoiar esse processo de objetivação para trazer RS que foquem na emancipação sexual, afetiva e amorosa das pessoas com autismo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. S. R. A expressão da sexualidade das pessoas com autismo – Transtorno do Espectro Autístico – TEA. **Psicologia.pt – O Portal dos Psicólogos**, 2017. https://www.psicologia.pt/artigos/ver_opiniao.php?a-expressao-da-sexualidade-das-pessoas-com-autismo-transtorno-do-espectro-autistico-



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFISSIONAIS DE APOIO SOBRE A SEXUALIDADE DE ADOLESCENTES AUTISTAS
Adriana Onofre Schmitz, Sonia Maria Oliveira de Andrade, Cássia Barbosa Reis, Elenir Rose Jardim Cury

[tea&codigo=AOP0425#:~:text=A%20maioria%20das%20pessoas%20com%20dist%C3%BArbio%20e%20do%20n%C3%ADvel%20intelectual.](#)

APA - AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-V. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BEDDOWS, N.; BROOKS, R. Inappropriate sexual behaviour in adolescents with autism spectrum disorder: what education is recommended and why. **Early Intervention in Psychiatry**, v. 10, n. 4, p. 282–289, 2016. <https://doi.org/10.1111/eip.12265>.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília: Casa Civil, 2012. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm.

BRUNS, M. A. T. Dificultades del amor erótico en los lazos de inclusión. **Rev. Ibe. Est.**, v. 10, esp 2, p. 1395-408, 2016. <https://doi.org/10.21723/riae.v10i6.8327>.

DEWINTER, J.; VAN PARYS, H.; VERMEIREN, R.; VAN NIEUWENHUIZEN, C. Adolescent boys with an autism spectrum disorder and their experience of sexuality: An interpretative phenomenological analysis. **Autism: The International Journal of Research and Practice**, v. 21, n. 1, p. 75–82, 2017. <https://doi.org/10.1177/1362361315627134>.

FERNANDES, L. C.; GILLBERG, C. I.; CEDERLUND, M.; HAGBERG, B.; GILLBERG, C.; BILLSTEDT, E. Aspects of sexuality in adolescents and adults diagnosed with autism spectrum disorders in childhood. **Journal of autism and developmental disorders**, v. 46, p. 3155–3165, 2016. <https://doi.org/10.1007/s10803-016-2855-9>.

HANNAH, L. A.; STAGG, S. D. Experiences of sex education and sexual awareness in young adults with autism spectrum disorder. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 46, n. 12, p. 3678-3687, 2016. <https://doi.org/10.1007/s10803-016-2906-2>.

HELLEMANS, H.; COLSON, K.; VERBRAEKEN, C.; VERMEIREN, R.; DEBOUTTE, D. Sexual behavior in high-functioning male adolescents and young adults with autism spectrum disorder. **J Autism Dev Disord.**, v. 37, n. 2, p. 260-269, 2007. <https://doi.org/10.1007/s10803-006-0159-1>.

KOLLER, R. Sexuality and Adolescents with Autism. **Sexuality and Disability**, v. 18, n. 2, p. 125-135, 2000. <https://doi.org/10.1023/A:1005567030442>.

LEFÈVRE, F. **Discurso do Sujeito Coletivo**: nossos modos de pensar, nosso eu coletivo. São Paulo: Andreoli, 2017.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. Discurso do sujeito coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas. **Texto contexto – enferm.**, v. 23, n. 02, p. 502-507, 2014. <https://doi.org/10.1590/0104-702014000000014>.

LEHAN MACKIN, M.; LOEW, N.; GONZALEZ, A.; TYKOL, H.; CHRISTENSEN, T. Parent Perceptions of Sexual Education Needs for Their Children With Autism. **J Pediatr Nurs.**, v. 31, n. 6, p. 608-618, 2016. <https://doi.org/10.1016/j.pedn.2016.07.003>.

MACHADO, M. L. S. **Educação e terapia da criança autista**: uma abordagem pela via corporal. 2001. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. <http://hdl.handle.net/10183/1540>.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFISSIONAIS DE APOIO SOBRE A SEXUALIDADE DE ADOLESCENTES AUTISTAS
Adriana Onofre Schmitz, Sonia Maria Oliveira de Andrade, Cássia Barbosa Reis, Elenir Rose Jardim Cury

NASCIMENTO, T. R. C.; BRUNS, M. A. T. A família e a sexualidade de filhos/as autistas: o que a literatura científica nacional nos oferece? **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 8-13, 2020. <https://doi.org/10.35919/rbsh.v30i1.70>.

OTTONI, A. C. V.; MAIA, A. C. B. Considerações sobre a sexualidade e educação sexual de pessoas com transtorno do espectro autista. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 14, esp. 2, p. 1265-1283, 2019. <https://doi.org/10.21723/riaee.v14iesp.2.12575>.

TORRALBAS-ORTEGA, J.; VALLS-IBÁÑEZ, V.; ROCA, J.; SASTRE-RUS, M.; CAMPOY-GUERRERO, C.; SALA-CORBINOS, D.; SÁNCHEZ-FERNÁNDEZ, M. Affectivity and sexuality in adolescents with autism spectrum disorder from the perspective of education and healthcare professionals: a qualitative study. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 20, n. 3, p. 1-12, 2023. <https://doi.org/10.3390/ijerph20032497>.

TURNER, D.; BRIKEN, P.; SCHÖTTLE, D. Autism-spectrum disorders in adolescence and adulthood: focus on sexuality. **Current Opinion in Psychiatry**, v. 30, n. 6, p. 409-416, 2017. <https://doi.org/10.1097/YCO.0000000000000369>.

VIEIRA, A. C. **Sexualidade e transtorno do espectro autista**: relatos de familiares. 2016. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2016. <http://hdl.handle.net/11449/143824>.